



Ana Paula Coelho
MOPTOP

Inspirado pelo álbum homônimo de **MOPTOP**



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

MAIS UM DIA INFERNAL

ANA PAULA COELHO

uma história inspirada por
MOPTOP
MOPTOP

SÃO PAULO, MARÇO DE 2009
1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY ANA PAULA COELHO
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

MAIS UM DIA INFERNAL

ANA PAULA COELHO

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **DANILO CORCI**

CAPA: **MOJO FACTORY**

MOPTOP



PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Uma chance
2. Paris
3. O rock acabou
4. Ninguém pra te esquecer
5. Bem melhor
6. Moonrock
7. Sempre igual
8. Tão certo
9. Melhor nem vir
10. Lugar qualquer
11. Seja até o fim
12. Leve demais

MOPTOP
MOPTOP

LANÇAMENTO: **2006**
SELO: **UNIVERSAL**



MAIS UM DIA INFERNAL

ANA PAULA COELHO

“Mais um dia infernal! Ainda mato essa porcaria de despertador... Tenho de me arrumar e tomar banho pra ir para aquela droga de escola. Duas aulas de matemática. Uma de história. Intervalo. Uma de português. Uma de redação e uma de Projeto Científico. Dia cheio, Dan! Ah, como eu me irrita com essas aulas de PC. Meu professor é um verme, aposto que nunca trabalhou na área de pesquisa.”

Senta em sua cama, põe as mãos no rosto e abaixa a cabeça. Quer voltar aos seus sonhos, aonde nada o importunava, onde ele é livre para pensar e viver. Levanta-se e sai do quarto em direção ao banheiro. Lava o rosto. Parece cansado. “Mais um dia”, pensa.

Dan é um rapaz de dezessete anos, mora em um condomínio fechado que fica próximo ao subúrbio da cidade. Ele se considera uma nova espécie de suburbano, aquele que parece ter o que não tem, mora perto de quem realmente não tem, para ter a quem ostentar. Uma verdadeira guerra de “quens” e “ninguéns”. Estuda em uma escola de classe média, do tipo que tem poucos alunos nas salas e busca nestes o sustento, a propaganda e o renome. Tem alguns professores recém-formados e, além deles, outros que já estão ali há um bom tempo – os casos não raros de aposentados fazendo bico.

Seus pais trabalham na mesma empresa, mas em funções diferentes. O pai como engenheiro e sua mãe, advogada. Bom salário, mas pouco tempo.

“Droga, tô atrasado! Aquela velha vai me deixar pra fora da aula.”

Arruma-se sem demora e logo está a caminho da escola. Ao chegar, no último minuto, bate o sinal. Hora de entrar. Vai até a sua sala correndo e ultrapassando seus colegas. Ao chegar na porta da sala, vê Duda, seu sonho. A garota mais legal, divertida e linda da escola. Duda tinha dezesseis anos e se vangloriava por faltarem apenas alguns dias para o seu aniversário — sua festa seria o máximo. Todos da sala estavam previamente convidados há alguns meses. Dan pensava nessa festa há muito tempo. Queria falar pra ela tudo o que pensava, tudo o que queria dela, tudo o que sentia por ela.

— Oi Dan!

— Oi Duda! Tudo bem?

— Sim. Entra logo, a general tá vindo ali no corredor — ela pisca pro garoto que entra imediatamente na sala, ela o acompanha, seguida pela professora.

“Mais um dia infernal!”

Duda sentava bem na frente de Dan. Desde que começaram a estudarem juntos, entraram em acordo: ele atrás e ela na frente por ser mais baixa. São amigos de longa data, amigos dos mesmos amigos, de mesmas festas, grupos de estudos e etc.

“Ela poderia me chutar por um desses caras mais velhos que ela curte ficar. Poderia dizer que eu não sirvo pra ela, que eu sou um cretino metido a besta, que eu não sei nada da vida e blabláblá... O que eu tô pensando, cara?! Ela nunca me diria isso! Ou diria? Relaxa, meu velho! Duda sempre foi sua amiga e você sempre foi louco por ela. Você a conhece, não tão bem quanto gostaria, mas conhece. Não sabe qual tipo de cara que ela gosta, só sabe que tem de ser mais

velho que ela. Aí você já tem pontos, sete meses devem fazer alguma diferença. Ou não?”

— Danilo — diz a menina se virando para trás.

— Fala.

— Me ajuda em matemática?

— Eu?!

— Quem mais? Você não presta atenção na aula, mas é muito bom.

— Família, *mon amour!* — gaba-se.

— Me ajuda?

— Danilo e Maria Eduarda, posso saber o motivo para tanta conversa?

— Desculpe professora — diz intimidada a moça. — Não acredito que ela me chamou assim! — sussurra para si mesma.

“Que velha chata!”. Ele pega uma folha do seu caderno e escreve com suas letras mal feitas. Dobra-o e discretamente entrega a Duda.

Ela o abre debaixo da mesa da carteira:

“Hoje, lá em casa.”

— Beleza — diz baixinho.

O dia parece demorar a ir embora. O horário de aulas latejava em sua cabeça, olhava para o relógio a todo instante. Estava apreensivo. Seus pés ritmavam a sua pressa.

História.

Intervalo.

— Duda — ele grita por ela, algo que seu coração desesperadamente gritava a todo o momento.

— Oi!

— Você vai comigo ou vai almoçar na sua casa?

— Não sei.

— Bom, você sabe que a comida lá de casa não é das melhores, mas a sobremesa salva tudo — ela ri.

— Tudo bem, pela sobremesa! Vou só avisar a minha mãe. A gente se vê depois.

— Ok.

Ele acompanha seu trajeto com o olhar.

Pouco tempo depois seus amigos chegam e montam uma rodinha de conversas. Não consegue prestar atenção em muita coisa, está calado.

— Velho, cê tá estranho! Aconteceu alguma coisa? — pergunta Carlos, seu amigo apaixonado pela professora de português.

— Não aconteceu nada, relaxa. E aí, terminou de ler Chobits?

— Ainda não terminei. Tava baixando uns episódios do *Full Metal*.

— Hum. Esse *anime* é velho! — ri.

— Mas é legal!

Bate o sinal.

— Vamô nessa. A professora deve estar esperando ansiosamente pelo nosso retorno a sala de aula — diz entusiasmado Carlos, Dan ri.

— Esse seu amor “platônico” ainda te levará à loucura. Já te disseram que ela tem vinte e seis anos e você dezessete? Velho, são quase dez anos de diferença!

— Valeu pelos dados, gênio. Mas eu não desisto.

— Você parece aqueles personagens dos mangás que você lê. Todo bobo!

— Calma aê! Que nós lemos, chefe E são bobos, mas vencem sempre as adversidades. — riram.

— Isso foi profundo.

Português. Luana.

O ritmo frenético do rock de seus pés lhe alivia a ansiedade.

“É hoje! O que vou dizer? O que vou dizer? Duda, eu amo você mais do que brigadeiro? Isso é frase de Orkut! Faça-me o favor Danilo! O que digo, o que digo?”

“Matemática, matemática... o que é isso? Qual seria o problema dela em relação a isso? Equações, trigonometria, círculos... Estou ficando neurótico.”

“Relaxa. Respira.”

“Você vai dizer que gosta muito dela e que faz muito tempo, que queria dizer isso e não encontra palavras e que... isso é brega.

É melhor eu pensar na matemática, ela só tá interessada nisso mesmo.”

Redação.

“O que vou escrever? “Duda, eu te amo! Só isso que me vem a cabeça! Eu nunca tive criatividade. Pensa no tema... Desvalorização do ser humano. Desvalorização do ser humano. Desvalorização do ser humano. Desvalorização do ser humano. Droga!... Será que pode ser isso? Drogas? Não! Talvez aborto, falta de amor... Duda. Droga!

Ela amarrou o cabelo. Sempre faz rabo de cavalo quando tá concentrada. Ela faz textos maravilhosos. Aposto que vem por aí mais um orgulho dela, do jeito que não pára de escrever... E eu?! Nenhuma linha! Ai... Até quando?”

Carlos, da carteira de trás, o cutuca.

— Dan?!

— Fala velho.

— Como se escreve conseqüentemente?

— C-O-N-S-E-Q-U-E-N-T-E-M-E-N-T-E.

— Valeu.

— Tinha, mas não tem mais, né, velho — ele se vira um pouco irritado

— O que você tá escrevendo?

— Por enquanto nada. E você?

— Umas besteiras, tô tentando fazer alguma coisa.

— Hum.

Batem na porta da sala. Era a secretária da coordenação, Elis.

— Bom dia, queridos. Vou só passar um recado, rapidinho. O professor de PC teve um contratempo e teve de ir antes da última aula. Por isso vocês estão liberados, depois dessa aula. Certo? — sorri para a classe. — Obrigada professora. Até mais — ela sai.

“A sorte está a meu favor. Faltam vinte minutos. Quanto tempo!”

— Terminei — suspira Duda. Ela se vira. — Ah Dan, ia esquecendo, tive um probleminha básico! Minha mãe vai sair essa tarde e meu pai tá esperando um carregamento chegar, vou ter de ficar em casa essa tarde pra receber. Será que tem algum problema de você ir lá pra casa? Você almoça lá. Minha mãe disse que vem pegar a gente.

Depois de toda essa espera ele não iria perder essa chance.

— Tudo bem. Vou ligar pra minha mãe mais tarde avisando e nós vamos.

— Valeu, querido.

“Ela sempre fala assim quando fazem o que ela quer. Algo impossível de não fazer.”

— Não faça de graça, não! — ele ri ironicamente. — Vai ter que me ajudar em redação, não escrevi uma linha. — eles riem.

— Como não? É algo tão fácil e simples!

— Pra você! Me ajuda ou não?

— O que falta pra você terminar?

— Tudo!

— Vai me dar trabalho! — riem.

Alguns minutos se passam, seus sonhos e suas vontades acompanhavam o ritmo de espera de seus pés. O rock ganha incremento. Talvez de mais uma guitarra feroz com um delicioso toque armado de uma bateria similar a voz do coração.

“Minhas mãos estão suando.” Riu em seus pensamentos. “Hoje será o grande dia!”.

Cinco minutos.

— Quem terminou a redação pode me entregar agora. Quem não terminou, quero feito na próxima aula.

Alguns entregam suas redações e outros, como Dan, guardam seu material para a saída.

Dan pega o celular discretamente e liga para a mãe.

Após algum tempo ele estava autorizado e a mãe avisada.

— Vamos! — diz para a amiga após bater o sinal.

Algum tempo depois a mãe da moça chega para pegá-los.

— Oi mãe.

— Oi tia.

— Oi, oi.

Procura afastar qualquer tipo de pensamento que lhe lembrasse planos. Não queria ficar frustrado se fracassasse.

Chegam.

Os dois vão pro quarto de Duda enquanto a mãe coloca o almoço na mesa.

— Ah, tô cansada! – ela diz enquanto tira o tênis. — Fica a vontade, chefe.

— Pegou a mania do Carlos, de me chamar de chefe? — ela se vira para o espelho, ficando de costas para ele.

— Um pouco — sorri com ironia. Troca a blusa da escola por uma branca da Hering. Ele, com vergonha vira o rosto.

— Crianças, a comida está na mesa — grita a mãe da sala de jantar.

— Hum. Tô com fome. Vamos?!

— Ah?! Ahan. — levanta-se ainda assustado com o turbilhão de pensamentos a lhe atormentar, ocasionados pelo que acabou de acontecer. E sem hesitar a acompanha.

“O que tá rolando? Por que ela tirou a roupa na minha frente? Será que foi pra me provocar ou será que nem a minha presença ela nota? Ela ainda me deixa louco!”.

Sentam-se à mesa. A mãe de Maria Eduarda puxava um assunto por vez, sempre perguntando como iam os estudos e a família de Danilo. Ele respondia sem muito ânimo, mas eram respostas completas.

— Vocês vão estudar matemática? — sem querer a mãe deixa seu sotaque

paulistano acentuado.

— Uhum — diz Duda esvaziando a boca. — Tô indo muito mal, a professora é aquela mala e eu já não gosto da matéria... Aí complica! Mas o Dan vai me ajudar — bebe um gole do Ades de pêssego.

— Toma cuidado, mocinha! Se não leva bomba esse bimestre.

— Vou tentar.

— Dan, ajuda essa desmiolada e não deixa ela cometer nenhuma loucura na matemática. Tô de olho mocinha!

— Que exagero, mãe! — faz algumas caretas de desaprovação.

— Pode deixar, tia — diz finalmente Dan, rindo das duas.

— E o papai, mãe?

— Não vem almoçar em casa, tá com o dia cheio. E eu já tô atrasada! Limpa a mesa pra mim fazendo o favor — diz levantando-se com o prato na mão e levando-o até a cozinha.

Ao terminarem, se dirigem novamente ao quarto de Duda.

Sentam-se no chão com livros e cadernos.

— Quer descansar um pouco? Depois a gente estuda — fala Dan.

— Não, relaxa. Tenho que estudar muito pra passar esse bimestre.

— Você tá com uma cara péssima pra quem quer estudar — riem.

— Beleza. Mas não me deixa cochilar — deita no tapete com o desenho da Minnie. — Vamos falar sobre alguma coisa? — fecha os olhos. Ele fica cada vez mais tenso, sem perder a chance de admirá-la sem ser delatado.

— O que, por exemplo? — tenta rir e parecer simpático, mas fracassa. Está atento demais a ela para se ater a pequenos detalhes.

— Qualquer coisa — um silêncio se instala. Mas se vai com o som da voz de Duda vibrando novamente. — Me fala sobre as suas namoradinhas — ela agora vira o rosto na direção dele e o olha fixamente.

— Não tenho nenhuma namoradinha!

— Hum. Ficou nervoso. Quem é a fulaninha? — debocha

— Não é nenhuma fulaninha — baixa a cabeça, desviando o olhar.

— Você gosta dela? — muda o tom de voz.

Ele percebe que não existe escapatória.

“Como ela pode me perguntar isso? Eu gosto de você Duda, de você.”

— Dan... se você não quiser falar, não fala. Tá tudo bem, relaxa — volta sua posição inicial. Não quer forçá-lo.

— Não é que eu não queira te contar, mas... é que pra mim é difícil... -
“Difícil?! Que idiota!”

— Relaxa Dan — ela o interrompe e sorri. — Sei como é, gostar de alguém e não poder falar pras outras pessoas tudo o que você sente.

— Como assim?!

— Eu gosto de uma pessoa, só que ninguém sabe — Dan desmorona. — E nem pode saber porque é uma relação diferente, as pessoas não veem com bons olhos, meus pais nunca aceitariam, entende?

— Entendo — ele não quer ouvir mais nada. — Então você tá saindo com um motoqueiro, tatuado, drogado e sem família... — a faz rir para encerrar conversa.

— Só você mesmo.

“Só eu mesmo pra gostar de uma garota que não tá nem aí pra mim. Ela

gosta de outro cara. Nunca poderia ser eu... os pais dela me adoram! O que eu faço agora? A única coisa que quero é fugir daqui. Droga, droga!”

— Tô saindo, Duda. Não esquece de trancar a porta. Tchau Dan! Juízo crianças! — grita a mãe da porta de casa.

— Tchau mãe — responde a filha.

— Tchau tia! — grita. — Vamos à matemática?! — pergunta Dan.

— Deixa só eu fechar a porta.

Ela obedece à mãe. Ele a segue. Está agindo impulsivamente. Não entende o porque, mas seus músculos o fazem sem ordens da razão já não ouvida.

Ela fecha a porta, passa a tranca dando duas voltas. Ele está logo atrás. Ela se vira. Estão frente a frente. Suas respirações parecem unir-se em uníssonos. “É agora!” Ele se aproxima e lhe rouba um beijo.

Duda parece não corresponder no começo, mas depois se entrega, mas por pouco tempo. Ela se afasta primeiro.

— O que... o que foi isso? — está assustada.

— Um beijo.

— Eu sei, mas por quê?

— Eu te amo Duda — fala baixinho.

Ela fica muda.

A campainha toca.

“Essa porra tinha que tocar agora?”, pensa Dan.

Ainda desnorteada, ela abre a porta e ele se afasta ao ponto de não ser notado.

— Oi Duda — uma garota da mesma estatura de Duda, longos cabelos

louros, vestido curto roxo e All Star vermelho.

— Oi. Entra — Duda desfarça o nervosismo. A garota entra na casa.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, nada.

A garota beija delicadamente os lábios de Duda, segurando seus quadris. E só após isso percebe a presença de Dan.

— Dan, essa é a Natália. Natália esse é o Dan, um amigo meu — olha para baixo.

Os dois assustados com a presença um do outro, falam "oi" timidamente.

— Não sabia que você ia tá com alguém em casa. — analisa o corpo magro encostado na parede.

— Foi de última hora, o Dan veio estudar matemática comigo.

— Bom, acho melhor eu ir. Amanhã conversamos melhor Duda — disse Dan, convencido de que sobrava.

— Não, espera — se dirige à Natália. — Depois eu passo na sua casa.

— Tudo bem — abraça Duda um pouco decepcionada. — Se cuida.

“Agora eu entendo tudo, não era um motoqueiro porra louca... Era uma garota. Por que ela me olha assim? Está envergonhada com certeza.”

— Eu sei que você deve tá confuso. Eu mesma não entendo o que tá acontecendo agora. Tipo, em um instante estávamos conversando e em outro você me beija e depois a Natália aparece e a gente fica assim um com o outro.

— É melhor eu ir, não quero trazer problemas com a sua namorada e muito menos quero me machucar ainda mais. — Aparenta estar conformado ainda que frustrado.

— Dan...

— Sabe, eu passei anos da minha vida pensando em como seria o momento que eu ia me declarar pra você e dizer tudo o que eu tava sentindo, tudo o que tava engasgado na minha garganta, tudo o que eu pensava. E aí quando eu tomo coragem parece que eu só fiz papel de bobo todo esse tempo — ele dá um passo para trás. — Isso dói pra caramba! — sobe a voz.

Ela não sabe o que dizer.

— Me perdoa — seus olhos se enchem de água. — Eu... eu não sei o que te falar. Eu gosto muito de você e não quero perder você tão fácil assim.

— Relaxa. Vou pegar as minhas coisas.

Vai até o quarto.

“Homens não choram. Homens não choram. Homens não choram. Homens não choram. Homens não choram.”. Pega suas coisas.

Ela entra e fecha a porta. Queria impedi-lo de sair dali, só depois de ouvi-la e se fosse assim não o obrigaria a nada.

— Não faz isso comigo. Não quero te magoar — ela começa a chorar.

— Nem sempre se pode ter o que se quer.

— Eu e a Natália nos conhecemos há pouco tempo. Rolou uma coisa muito bacana entre a gente, eu gosto dela...

— Para com isso, já conheço toda essa história. Você descobriu uma nova forma de amar com ela? Oh não, você se redescobriu! — ironizou. — Chega, tá! E eu nem sei por que você tá tão interessada em como eu tô, em como eu vou ficar! “É melhor ser direto e deixar a pessoa ir numa boa pra não magoar”, não foi isso que o Carlos disse pra você quando quis dispensar aquele idiotinha do

shopping?!

— Para. Para — ela se exalta. Enxuga as lágrimas, se aproxima dele e olha bem em seus olhos. — Eu comecei a ficar com a Natália pra esquecer o cara que eu sou apaixonada desde que nasci. Ele pode parecer o cara mais idiota do mundo, curte mangá, gosta de matemática e física, não fala uma frase sem por “velho” no meio, fala muito palavrão, ouve rock japonês, fala o francês mais ridículo que existe, passa mal quando bebe leite, odeia futebol e ainda por cima só toma coragem pra dizer que me ama no momento em que eu penso que o esqueci. Mas eu gosto dele.

— De quem você tá falando? — há uma leve pausa para respirar. Por mais óbvia que a resposta seja, prefere não imaginar nenhum tipo de resposta, embora seu coração grite vitorioso.

— De você.

Ele está pasmo.

Seu sonho se realiza de forma incomum. Nada lhe passa pela cabeça. O rock cessou. Parece mais um intervalo para a tragédia, um intervalo para um final feliz.

“O que aconteceu pra que eu ouvisse tudo isso? Eu pensei que eu diria isso e receberia um chute, mas agora é ela que fala e espera pelo chute.”

Eles ficam ali parados por um tempo. Não sabem o que fazer e nem o que dizer. Apenas se olham, se admiram. Pensam no quanto foram tolos sem perceber o que acontecia entre eles.

Até que Danilo saiu do transe.

— Você tá a fim da Natália?

— Não sei.

Ela o beija.

Intenso.

Mergulham juntos em um outro hemisfério de cores e vida. Abraçam-se como se o mundo fosse acabar agora, como se nada lhes restasse.

Beijo.

Seus lábios se separam e ainda próximos Maria Eduarda percebe que não há mais nada a ser dito. Tudo está escrito em seus olhos, não há o que decidir, não há o que pensar.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br